

086

AS MUDANÇAS NA REPRESENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DO JORNALISMO EM 50 ANOS. *Janis Linda Loureiro Morais, Marcelo Ruschel Trasel, Christa Lisolette B. R. Kuschick* (Departamento de Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS)

O projeto "O Ofício de Jornalista" pretende analisar o jornalista como sujeito produtor da notícia e sua representação na ficção. Na atual fase da pesquisa, procurou-se traçar o perfil do trabalhador da imprensa apresentado no cinema. Um arquivo de 274 filmes com personagens jornalistas selados no Brasil foi elaborado, dos quais nove foram assistidos pelos membros do projeto, sendo selecionados os filmes considerados mais representativos do perfil cinematográfico do jornalista no começo da década de 50 e final da década de 90. Esta apresentação demonstrará as variações desta representação nos 50 anos em questão, utilizando os filmes "A Montanha dos Sete Abutres", de Billy Wilder (1951), por ser um ótimo retrato do cotidiano do jornalista, e "O Quarto Poder", de Costa Gavras (1997), por abordar a mesma temática, jornalismo e sensacionalismo. Os traços do perfil de jornalista que procurou-se identificar nos dois filmes foram: a) personalidade; b) noção de objetividade jornalística; c) manipulação da informação; d) relações do jornalista com o poder; e) aprendizado do jornalismo; f) noção de noticiabilidade; e g) relações do jornalista com a sociedade. Chegamos à conclusão de que o jornalista continua sendo retratado como um sujeito manipulador de informações, ambicioso e interesseiro, mas ainda assim visto como portador da verdade. Os critérios de noticiabilidade continuam os mesmos, e o jornalista continua sendo um "homem de ação". O meio televisivo ganha importância em relação aos meios impressos no final do milênio, e o repórter ganha um rosto para o público e a cobertura adequa-se à grade de programação das emissoras. As mulheres passam a ocupar mais espaço nas redações, que ao longo dos anos foram informatizadas. A visão romântica do jornalista fumante, bêbado e boêmio deu lugar a um operário da notícia mais desprovido de self do que há cinco décadas.